

O texto a seguir foi utilizado como elemento motivador, aos alunos e alunas participantes da atividade, a fim de que se pudesse despertar a curiosidade destes em relação ao passado do bairro. Bem como, ao mesmo tempo em que se apresentava um modo de rememorar o bairro, os estudantes eram instigados a perceber as mudanças e/ou transformações, por eles vivenciadas, ocorridas no referido espaço. Além disso, o professor-pesquisador, durante a leitura do texto, que se deu de forma coletiva, instigava os alunos a destacarem que elementos do texto recorriam ao que foi chamado de “memória do sensível”, ou seja, que recordações eram marcadas pelos sentidos (audição, tato, paladar,olfato), por exemplo.

Ao término da leitura e diálogo com os estudantes o professor solicitou a estes que produzissem seus próprios textos, nascidos de uma breve caminhada pelas proximidades de suas casas, para que os discentes manifestassem também seus modos de perceber o bairro e como rememoram o lugar em que vivem e, em momento posterior, os alunos, apresentaram suas produções textuais.

Lembranças do bairro

(Roberto Costa)

Em uma manhã de domingo, precisei ir até um supermercado que fica localizado há uns 600 metros de casa e, por opção, decidi realizar o trajeto a pé.

No caminho até o supermercado, vi carros e motos passando a todo instante, bem como pedestres, homens e mulheres andado apressados, ciclistas e vendedores ambulantes. Além disso, casas de comércio, padaria, açougue, armazinhos, etc.

Durante minha caminhada apressada, devido ao sol que esquentava o dia, ouvia o ruído dos motores, as buzinas, as vozes das pessoas, tantos sons que irritavam os ouvidos e, foi então que lembrei que a rua de minha casa, o bairro onde moro e as pessoas nem sempre foram assim.

Anos atrás, em meu tempo de infância, não havia todo aquele movimento, nem todo aquele barulho, tampouco tantos estabelecimentos comerciais.

Recordo que meus vizinhos moravam próximos e que nossas casas eram, em sua maioria, de madeira, a rua de minha casa em suas laterais era acompanhada de muitas árvores, mata fechada e havia poucas transversais que se ligavam a ela. Definitivamente, tudo era muito diferente do que é hoje.

Lembro que não existiam muros entre os quintais de uma casa a outra, às vezes, uma cerca de arame, que eu atravessava sem grande esforço, lembro que todas as crianças brincavam naquele grande espaço quase sem limite que os quintais formavam.

Recordo da sombra das árvores, dos frutos que caíam em épocas diferentes e que serviam à nossa alimentação (bacuri, cupuaçu, uxi, manga, jambo e muitos outros). Lembro-me das “caçadas” que empreendia, junto com outras crianças, para capturar camaleões, prenhas e nos servir de seus ovos, de comer o bicho de caroço de tucumã, de ir até os “grandes rios de maré” pescar siri e colocar “matapi”, com meus tios, para capturar camarão. E tudo isso era, para mim, uma grande diversão.

Sobre as ruas do bairro, eram tranquilas, os sons que eu ouvia, naquela época, raramente eram de motores de carros, e sim o do vento que balançava os galhos das árvores e, além disso, ouvia também o canto dos pássaros que nela habitavam. Nem todas as ruas eram asfaltadas (como até hoje algumas ainda não são), raramente aconteciam acidentes, e,

além disso, nem sempre as usava, afinal, era comum, para chegar até a escola, seguir por caminhos no meio do mato. Recordo que alguns desses caminhos levavam até igarapés, onde minha avó e minhas tias lavavam roupas, enquanto meus primos e eu nos divertíamos naquelas águas. A única regra era nunca estar ali ao meio dia, hora dos “encantados”, da mãe d’água, do curupira, por exemplo.

Ao final da tarde, lembro-me das galinhas nos quintais se recolhendo aos galinheiros, lembro-me de minha mãe fazendo chá de erva cidreira, canela e capim-santo. Era a noite chegando, recordo de minha avó contando histórias para os netos, algumas até nos causavam medo, depois, meus primos e eu deitávamos na rua de casa e ficávamos olhando o céu e contando as estrelas, raramente um carro passava por ali e ouvíamos de longe quando algum se aproximava.

Acordava sempre com uma infinidade de pássaros cantando, às vezes era surpreendido com bandos enormes de macacos no quintal de casa, meu banho era com água do poço ou numa “cacimba” atrás da casa de minha avó e quando era mandado para comprar pão, me dirigia até a “taberna” mais próxima e definitivamente ao caminhar até lá eu não via a rua de casa como a vejo hoje.

Aos finais de semana, quando minha mãe ou meu pai precisavam ir até a “Vila” (o bairro mais urbanizado na época), vibrava de alegria quando levavam a mim ou a minha irmã, lembro-me do ônibus que não existe mais, do movimento naquelas praias (que via no trajeto até o centro) e que eu não frequentava, afinal eram praias dos veranistas, dos mais ricos, meu pai nos levava de bicicleta às praias mais próximas de casa, as quais prefiro e frequento até hoje.

O tempo passa, as coisas mudam, até mesmo nós mudamos, e às vezes nem percebemos as mudanças, algumas são positivas outras nem tanto, algumas nos tiram coisas boas, outras nos trazem algo bom. Contudo, só sei que preferiria, pelo menos hoje, caminhar nas ruas de meu bairro, ou pegar um atalho num caminho, se ainda fossem como um dia foram. Ir até a taberna mais próxima, comprar o que eu precisava comprar, voltar pra casa olhando a mata, sem carros, sem buzinas, sem todo esse movimento que me faz sentir saudade daquele tempo.